

MODERNIZAÇÃO, INOVAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO: TRÊS CHAVES PARA REIMAGINAR A ESCOLA

Autores: Diego Kenji de Almeida Marihama | diegomarihama@yahoo.com.br | Doutorado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo | **Orcid Id:** 0000-0001-8013-7936 | São Paulo / Brasil

Dom Carlos Lema Garcia | arquidiocese@nucleo.vicariatoedusp.org | Doutorado em Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. | São Paulo / Brasil

Recebido: Maio, 2025 | **Aceite:** Junho, 2025 | **Publicado:** Junho, 2025

RESUMO

Este artigo analisa os conceitos de modernização, inovação e transformação no campo educacional, com o intuito de diferenciá-los tanto conceitual quanto metodologicamente. A problemática que fundamenta o estudo está na utilização imprecisa e, muitas vezes, equivocada desses termos, o que impacta diretamente as decisões pedagógicas, políticas e estratégicas das instituições de ensino. Ao tratar os três conceitos como sinônimos, perde-se a capacidade de orientar ações educativas que respondam de maneira eficaz e crítica aos desafios contemporâneos da escola. O objetivo da pesquisa é, portanto, esclarecer essas distinções e demonstrar que práticas modernizantes ou inovadoras, embora importantes, nem sempre são suficientes para promover transformações reais e profundas no processo educativo. A metodologia utilizada é qualitativa, com base em revisão bibliográfica sistemática e análise

crítica de produções acadêmicas e documentos institucionais que abordam os sentidos e usos desses conceitos na educação. O artigo apresenta as categorias analisadas, problematizando seus alcances e limitações. A modernização é entendida como a atualização de ferramentas e processos sem ruptura com os paradigmas vigentes. A inovação, por sua vez, introduz novas abordagens metodológicas e organizacionais, mas pode ser absorvida por lógicas tradicionais. Já a transformação propõe uma reconfiguração profunda dos sentidos da escola, dos vínculos entre sujeitos e das finalidades educativas. As considerações finais reforçam que a transformação educacional exige uma postura ética e relacional, baseada na escuta ativa, na participação coletiva e na coerência entre teoria e prática. Defende-se a necessidade urgente de reconstruir a escola como um espaço vivo, inclusivo e comprometido com a aprendizagem.

Palavras-chave: Transformação educacional; Inovação pedagógica, Modernização escolar; Projetos educacionais inovadores; Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This article analyzes the concepts of modernization, innovation, and transformation in the educational field, with the aim of differentiating them both conceptually and methodologically. The problem underlying the study lies in the imprecise and often mistaken use of these terms, which directly impacts the pedagogical, political, and strategic decisions of educational institutions. By treating the three concepts as synonyms, the ability to guide educational actions that respond effectively and critically to the contemporary challenges of schools is lost. The objective of the research is, therefore, to clarify these distinctions and demonstrate that modernizing or innovative practices, although important, are not always sufficient to promote real and profound transformations in the educational process. The methodology used is qualitative, based on a systematic bibliographic review and critical analysis of academic productions and

institutional documents that address the meanings and uses of these concepts in education. The article presents the categories analyzed, problematizing their scope and limitations. Modernization is understood as the updating of tools and processes without breaking with the current paradigms. Innovation, in turn, introduces new methodological and organizational approaches, but can be absorbed by traditional logics. Transformation, on the other hand, proposes a profound reconfiguration of the meanings of school, of the links between subjects and of educational purposes. The final considerations reinforce that educational transformation requires an ethical and relational stance, based on active listening, collective participation and coherence between theory and practice. The urgent need to rebuild the school as a living, inclusive space committed to learning is defended.

Keywords: Educational transformation; Pedagogical innovation; School modernization; Innovative educational projects; Pedagogical practices.

INTRODUÇÃO

A transformação, a inovação e a modernização na educação estão relacionadas com a profundidade e a intenção das mudanças que cada um desses termos carrega. Embora muitas vezes utilizados como sinônimos, eles se referem a processos distintos que impactam de formas diferentes a realidade educacional.

Modernização, por sua vez, refere-se principalmente à atualização de recursos, ferramentas e métodos já existentes.

É quando o colégio incorpora tecnologias mais recentes, melhora a infraestrutura ou adota novos materiais didáticos sem alterar, necessariamente, os métodos. Um exemplo seria substituir o quadro por uma lousa digital ou usar tablets no lugar de livros impressos.

Quanto à Inovação, vai além da atualização de recursos. Inovar é propor algo novo, seja no modo de ensinar, no currículo, na avaliação ou na organização escolar. A inovação busca solucionar pro

blemas com ideias criativas, muitas vezes rompendo com práticas consolidadas. Por exemplo, quando uma escola adota metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em projetos, ou reorganiza seus tempos e espaços para favorecer a autonomia dos alunos, ela está inovando. A inovação, portanto, está ligada à experimentação, ao redesenho de projetos e ao foco em resultados mais significativos para a aprendizagem.

Já a Transformação representa uma mudança ainda mais profunda e estrutural. Envolve a revisão crítica dos fundamentos que sustentam o sistema educacional e propõe um novo paradigma. Transformar a educação significa repensar seus propósitos, seus valores, suas finalidades. Trata-se de um processo que questiona não apenas o como se ensina, mas também o porquê e o para quê. Ocorre quando a escola, em diálogo com a sociedade, redefine seu papel, suas relações, sua forma de acolher a diversidade e seu compromisso com a sociedade e o desenvolvimento integral dos sujeitos.

Enquanto modernizar é atualizar, inovar é reinventar e transformar é reconfigurar, essas três dimensões representam caminhos distintos, porém complementares, na trajetória educacional. Modernizar implica adotar novos recursos, linguagens e ferramentas que acompanhem os avanços tecnológicos e as demandas do presente, sem, necessariamente, questionar as estruturas que sustentam o modelo escolar. Inovar, por sua vez, busca romper com práticas cristali-

zadas, propondo metodologias ativas, abordagens interdisciplinares e formas mais criativas de ensinar e aprender. Já a transformação é mais profunda: não se limita à aparência das práticas nem à substituição de instrumentos, mas reconfigura intencionalmente os sentidos da educação, seus vínculos sociais e sua finalidade no mundo.

A transformação questiona, desafia e propõe um novo olhar aos educadores e alunos. Embora modernização e inovação possam ser absorvidas por um sistema que mantém as hierarquias, a transformação exige escuta, coragem e compromisso político-pedagógico. Nesse sentido, as três dimensões podem co-existir em uma instituição escolar, mas é a transformação que verdadeiramente aponta para uma educação mais humana, equitativa e significativa, pois coloca no centro não apenas o desempenho ou a criatividade, mas o sujeito em sua integralidade. Assim, a escola que se transforma acolhe as diferenças, dialoga com a complexidade do tempo presente e se compromete com a construção de sentidos compartilhados, cultivando vínculos que superam a lógica da performance para valorizar a formação ética, crítica e sensível de cada pessoa.

Assim, essa investigação tem por objetivo analisar os conceitos de transformação, inovação e modernização na educação, identificando suas diferenças, implicações e limites no contexto educacional.

MODERNIZAÇÃO: ATUALIZAR SEM ROMPER

A modernização, no contexto educacional, está frequentemente associada à incorporação de tecnologias e à melhoria de infraestrutura escolar. No entanto, seu significado ultrapassa o mero uso de ferramentas digitais. Modernizar é atualizar processos, materiais e ambientes com o objetivo de acompanhar as demandas, sem, necessariamente, alterar de forma significativa os fundamentos da prática pedagógica. Nesse sentido, a modernização pode ser vista como uma resposta adaptativa ao tempo presente, capaz de oferecer condições mais adequadas ao ensino e à aprendizagem, sem romper com quaisquer paradigmas (Marihama, 2024; Keniski, 2012).

Ao longo da história, a educação tem passado por diversos ciclos de modernização. A introdução do livro impresso, da lousa de giz, da caneta esferográfica e, mais recentemente, dos computadores e da internet, representam marcos importantes desse processo. Cada uma dessas mudanças trouxe novas metodologias e estratégias para a educação, ampliando o acesso ao conhecimento e diversificando os meios de comunicação entre professores e alunos. No entanto, essas inovações tecnológicas não alteraram substancialmente a estrutura do modelo escolar, que permanece centrado na transmissão de conteúdo e na organização seriada das turmas (Valente, 2011).

Na atualidade, a modernização educacional tem sido impulsionada, principalmente, pelas tecnologias digitais. Plataformas de aprendizagem, salas com recursos multimídia, sistemas de gestão escolar e ambientes virtuais interativos

se tornaram comuns em muitas instituições de ensino. Essas ferramentas oferecem agilidade, conectividade e acesso a uma quantidade significativa de informações. Elas facilitam o planejamento docente, possibilitam o acompanhamento do desempenho dos alunos e criam novos espaços de interação. No entanto, é importante destacar que a simples presença de tecnologia não garante mudanças significativas na aprendizagem. Muitas vezes, recursos modernos são utilizados para reproduzir práticas tradicionais, como a simples exposição de conteúdos ou a aplicação de avaliações padronizadas (Moran, 2015; Marihama, Oliveira & Moran, 2023).

A modernização também envolve aspectos estruturais. A melhoria da infraestrutura física, com ambientes mais acolhedores, acessíveis e seguros, é uma condição fundamental para o bem-estar da comunidade escolar. Espaços adequados para a convivência, laboratórios equipados, bibliotecas atualizadas e ambientes de apoio pedagógico contribuem diretamente para a qualidade do processo educativo. Nesse aspecto, a modernização está ligada à dignidade da escola, ao reconhecimento de seu papel como espaço de formação integral e à valorização da experiência escolar (Nunes, 2022; Marihama, 2024).

Todavia, é preciso reconhecer que a modernização tem seus limites. Ela pode produzir uma ilusão de avanço quando não está acompanhada de mudanças na concepção de educação. Uma escola tecnologicamente equipada, mas ainda centrada em uma pedagogia autoritária e conteudista, está apenas modernizando a forma, e não a essência do processo

educativo (Moran, 2020; Kenski, 2012). A permanência de práticas excludentes, a fragmentação do saber e a desvalorização da escuta do aluno são sinais de que a modernização, sozinha, não é suficiente para construir uma educação significativa (Nunes, 2022).

Apesar disso, existem experiências em que a modernização tem sido catalisadora de melhorias reais na educação. Quando aliada à formação de professores, ao fortalecimento da gestão pedagógica e à participação ativa da comunidade escolar, a modernização pode potencializar a qualidade do ensino. Em muitos contextos, a adoção de novas ferramentas tem permitido ampliar o acesso ao conhecimento, diversificar os recursos pedagógicos e favorecer o acompanhamento personalizado aos alunos. Ainda que não promova, por si só, uma ruptura com os modelos tradicionais, ela pode criar condições mais favoráveis para que outras mudanças ocorram (Marihama, Oliveira & Moran, 2023).

No Brasil, programas governamentais como o ProInfo e o Programa Nacional de Inovação Tecnológica na Educação Básica (ProInfo Integrado) tentaram promover a modernização das escolas, fornecendo equipamentos, conectividade e formação. Apesar dos avanços pontuais, muitos desses programas enfrentaram dificuldades na continuidade, na integração pedagógica dos recursos e na

formação docente (Allan, 2017; Valente, 2011). O desafio não está apenas em ofertar tecnologia, mas em garantir que ela seja usada de forma pedagógica, crítica e inclusiva (Moran, 2020; Marihama, 2024).

Assim, a modernização deve ser compreendida como um passo necessário, mas não suficiente. Atualizar ferramentas e estruturas é importante para tornar a escola mais atrativa, eficiente e conectada com o mundo. Contudo, sem uma revisão das práticas e dos propósitos educativos, corre-se o risco de repetir velhos modelos em novas embalagens. Para que a modernização tenha impacto real na aprendizagem e no desenvolvimento dos alunos, ela precisa ser acompanhada de um compromisso pedagógico que valorize a escuta, a participação e a formação integral (Nunes, 2022; Marihama, 2024).

Assim, o caminho da modernização deve ser trilhado com consciência crítica, planejamento consistente e envolvimento coletivo. É necessário perguntar-se: com que ferramentas ensinamos? O que ensinamos? Por que ensinamos? Para quem ensinamos? Só assim a modernização poderá deixar de ser uma atualização superficial para se tornar um elemento estruturante de uma educação mais pertinente, acolhedora e transformadora (Moran, 2020; Kenski, 2012; Marihama, Oliveira & Moran, 2023).

INOVAÇÃO: MUDAR PARA RESSIGNIFICAR

A inovação na educação é o movimento que busca novas formas de ensinar, aprender, organizar os ambientes escolares e promover o desenvolvimento humano. Diferente da modernização, que frequentemente se limita à substituição de ferramentas ou à adoção de tecnologias sem alterar a estrutura pedagógica, inovar é, sobretudo, ressignificar a prática pedagógica (Marihama, Oliveira & Moran, 2023). Inovar é fazer diferente com intencionalidade, com foco no sentido do que se ensina, para quem se ensina e como esse ensino transforma a relação entre sujeitos e saberes (Libâneo, 2012).

A inovação, nesse contexto, não está atrelada unicamente à tecnologia digital. Ela pode envolver novos recursos, mas seu centro é pedagógico e humano. Uma escola inovadora é aquela que repensa suas metodologias, seus espaços, seus tempos e suas relações para tornar a aprendizagem mais significativa e conectada com os desafios do presente e do futuro. Ela rompe com a lógica da repetição e da padronização e se abre à experimentação, ao erro como parte do processo e à construção colaborativa do conhecimento (Moran et al., 2017).

Inovar implica assumir os alunos como protagonistas da aprendizagem. É reconhecê-lo como alguém que traz repertórios, interesses e experiências que devem ser mobilizados e valorizados no processo educativo (Souza, Marihama & Santos, 2022). A inovação pedagógica se traduz em práticas que estimulam a curiosidade, a investigação, a resolução de problemas, o trabalho em equipe e o desenvolvimento de competências socioemocionais. Nesse sentido, metodolo-

gias como projetos integradores, aprendizagem baseada em problemas, cultura maker, sala de aula invertida e gamificação são expressões possíveis da inovação (Moran, 2015; Valente, 2014).

Para que a inovação aconteça, é essencial que os professores estejam envolvidos como sujeitos criativos e reflexivos. Inovar não é aplicar receitas prontas, mas construir propostas pedagógicas contextualizadas, em diálogo com a realidade dos alunos e com os objetivos formativos da escola (Marihama, Oliveira & Moran, 2023). O professor inovador é aquele que pesquisa sua prática, compartilha saberes com seus pares, assume riscos pedagógicos e se dispõe a aprender com os próprios alunos. Sua escuta ativa e sua capacidade de adaptar-se são centrais no processo de inovação (Demo, 2015).

Inovar também exige uma escola que valorize o coletivo, que promova ambientes colaborativos e que estimule a autonomia docente. A cultura escolar precisa favorecer a troca entre educadores, o planejamento em conjunto, o uso crítico das tecnologias e a avaliação como um processo contínuo e formativo (Marihama, 2024). Quando a inovação se torna um valor institucional, ela não depende apenas de indivíduos motivados, mas de uma comunidade comprometida com o aprimoramento constante da educação. No entanto, é importante reconhecer que a inovação enfrenta desafios. Muitas vezes, ela é confundida com modismos pedagógicos, com a simples digitalização do processo de ensino e aprendizagem ou com práticas que desconsideram a realidade concreta das escolas. Para inovar, para ser efetivo, é preciso estar

ancorado em princípios éticos e pedagógicos sólidos. É necessário garantir que a inovação não aprofunde desigualdades, mas amplie oportunidades de aprendizagem e de desenvolvimento para todos os alunos (Marihama, Oliveira & Moran, 2023).

No Brasil e no mundo há inúmeras experiências inovadoras que apontam para caminhos possíveis. Escolas que criam redes de aprendizagem entre alunos e famílias, que integram saberes locais ao currículo, que utilizam recursos simples de maneira criativa, que reinventam o tempo e o espaço escolar com base na escuta da comunidade. Essas iniciativas mostram que a inovação não está necessariamente nos grandes investimentos, mas na mudança de postura, de mentalidade e de propósito (Marihama, Oliveira & Moran, 2023).

É preciso, ainda, destacar que a inovação não está dissociada da tradição. Inovar não significa rejeitar o que veio antes, mas sim revisitar o legado educativo com um olhar crítico e criativo. Muitas vezes, práticas consideradas tradicionais podem ser ressignificadas com

intencionalidade pedagógica e gerar resultados transformadores. A chave está na coerência entre a proposta educativa e os valores que a sustentam (Marihama, 2024).

Assim, inovar é mudar para ressignificar. É construir uma educação viva, que dialogue com o presente, mas que projete o futuro com responsabilidade e imaginação. A inovação exige coragem para sair da zona de conforto, sensibilidade para escutar os sujeitos e compromisso com a aprendizagem como experiência significativa. Não há inovação sem propósito, e não há propósito sem escuta, reflexão e ação (Moran, 2015).

Inovar na educação é, portanto, um ato de criação coletiva. É reconhecer que cada escola pode ser um laboratório de futuro, um espaço de possibilidade e um território onde o novo não é imposto, mas construído com base na confiança, na autonomia e no sentido. A inovação, quando autêntica, não busca apenas resultados; ela busca sentido. E sentido é o que move a educação rumo à sua potência transformadora (Marihama, Oliveira & Moran, 2023).

TRANSFORMAÇÃO: ROMPER PARA RECONSTRUIR

A transformação na educação é o movimento mais profundo entre os três conceitos abordados. Diferente da modernização, que atualiza ferramentas, e da inovação, que propõe novas metodologias, a transformação implica uma mudança radical na concepção de escola, de ensino e aprendizagem. Transformar é romper com os paradigmas que estruturam o sistema educacional e, a partir desse rompimento, reconstruir novos sentidos para a experiência escolar (Marihama, Oliveira &

Moran, 2023). É o processo mais desafiador, pois atinge as bases ideológicas, culturais e estruturais da educação e exige um reposicionamento ético, político e pedagógico de todos os envolvidos. Quando falamos em transformação estamos nos referindo a uma reconfiguração dos propósitos da escola. A pergunta que orienta esse movimento não é apenas: como ensinar melhor? Para que ensinar? E a serviço de que projeto de humanidade está a educação? (Marihama, Oliveira & Moran, 2023). Transformar,

portanto, é um ato intencional e pedagógico. É um chamado à reflexão profunda sobre os fundamentos do modelo educacional vigente, suas implicações na formação dos sujeitos e seu papel na sociedade. Uma escola transformadora não se limita a promover melhorias internas; ela se compromete com a aprendizagem, com a equidade e com a aprendizagem dos sujeitos (Frigotto, 2011).

Essa transformação passa pela escuta ativa dos alunos, pelo reconhecimento dos saberes plurais que compõem a comunidade escolar e pela valorização da diversidade como princípio formativo. A escola deixa de ser um espaço de reprodução do conhecimento e passa a ser um território de diálogo e de construção coletiva do saber (Cury, 2022). A aprendizagem transforma-se em vivência significativa, conectada com os desafios reais dos sujeitos e com os dilemas do mundo. Nesse sentido, a transformação exige que o currículo seja repensado em sua totalidade: não apenas os conteúdos, mas as metodologias, as relações e as finalidades (Marihama, 2024).

Transformar a educação envolve também rever o papel do professor. De transmissor de conteúdos, ele passa a ser um mediador de sentidos, um pesquisador de sua própria prática, um construtor de vínculos e de possibilidades (Moran, 2015). Sua autoridade não é imposta, mas construída na escuta, no afeto e na coerência entre discurso e ação. O professor transformador é aquele que se compromete com o desenvolvimento integral de seus alunos, que reconhece suas potencialidades e que estimula a autonomia, a criatividade e o pensamento crítico (Marihama, Oliveira & Moran, 2023). Ele não tem todas as respostas, mas caminha com seus alunos na busca

por novas perguntas.

Da mesma forma, o aluno, em um processo de transformação, deixa de ser visto como alguém que precisa ser moldado e passa a ser compreendido como sujeito ativo, portador de histórias, desejos, contradições e saberes. A escola transformadora valoriza sua voz, acolhe sua realidade e constrói, com ele, caminhos de aprendizagem que façam sentido (Moran, 2021). Não se trata de adaptar o aluno ao modelo escolar, mas de transformar o modelo para que ele dialogue com os sujeitos que o habitam. Isso exige coragem institucional, abertura à escuta e disposição para mudar (Marihama, Oliveira & Moran, 2023).

Exemplos de escolas transformadoras no Brasil e no mundo nos mostram que esse caminho é possível. Em comunidades indígenas, quilombolas, periféricas e rurais, vemos práticas que rompem com a lógica e constroem processos educativos enraizados nos contextos locais. Essas experiências revelam que a transformação não depende apenas de recursos financeiros, mas de vontade de mudar as práticas, de protagonismo e de compromisso ético com a educação (Diniz-Pereira, 2010). Escolas que se reinventam a partir da cultura, da territorialidade e da colaboração apontam para um modelo mais plural (Marihama, 2024).

A transformação educacional também exige uma nova relação com o tempo e o espaço. Não se trata apenas de flexibilizar horários ou reorganizar salas, mas de reconhecer que o tempo do aprender é diverso, que o espaço da escola se estende para além de seus muros e que a aprendizagem acontece em múltiplos contextos (Moran, 2021).

Do ponto de vista institucional, transformar a educação requer repensar a gestão, a avaliação e a formação de professores. A gestão deixa de ser apenas administrativa e torna-se formadora. A avaliação é entendida como acompanhamento e não como controle (Esteban, 2002). A formação de professores torna-se contínua, coletiva e vinculada à prática. Esses três pilares – gestão, avaliação e formação – são indissociáveis de um projeto educativo transformador (Marihama, Oliveira & Moran, 2023). Não há transformação sem o envolvimento de toda a comunidade escolar e sem a construção de uma cultura organizacional comprometida com a mudança.

Além disso, a transformação educativa precisa dialogar com os grandes desafios do nosso tempo: as desigualdades sociais, a crise ambiental, a violência, o racismo, entre outros. A escola trans-

formadora é aquela que se posiciona diante desses temas, que educa para os direitos humanos, para a convivência e para a sustentabilidade. Ela forma sujeitos críticos, empáticos e comprometidos com a construção de um mundo melhor. Não basta ensinar conteúdos; é preciso formar consciências (Marihama, Oliveira & Moran, 2023).

É importante destacar que a transformação não se dá de forma linear nem imediata. Trata-se de um processo complexo e gradual. Há avanços e retrocessos, resistências e tensões. Mas é nesse movimento que a escola se reinventa, se humaniza e se torna relevante para a vida dos sujeitos (Marihama, 2024). A transformação exige perseverança, sensibilidade e compromisso coletivo. Não há transformação solitária: ela é construída no encontro, na escuta e na partilha.

METODOLOGIA

O presente capítulo metodológico apresenta o percurso adotado para a construção da pesquisa, partindo de experiências prévias e investigações desenvolvidas pelos pesquisadores ao longo de suas trajetórias na educação.

Essas vivências iniciais permitiram levantar indícios relevantes sobre o tema, o que orientou a escolha dos referenciais teóricos e metodológicos mais adequados à investigação. Em seguida, foi realizada uma revisão bibliográfica com o objetivo de compreender as distinções, as aproximações e os entrelaçamentos entre os conceitos de transformação, inovação e modernização no campo educacional.

A pesquisa bibliográfica foi conduzida com base nos critérios apontados por Bereton et al. (2005), que defendem a importância de uma análise rigorosa e confiável das produções científicas para a consolidação de um campo de conhecimento. Nessa direção, a metodologia adotada seguiu as diretrizes da Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS), conforme proposta por Biolchini et al. (2007), permitindo mapear estudos e publicações relevantes que tratam diretamente do objeto investigado. A escolha por esse procedimento metodológico se deu pela necessidade de construir uma visão sobre os usos e sentidos atribuídos aos três conceitos na literatura científica e nas políticas educacionais.

Para isso, foram examinadas produções

acadêmicas nacionais e internacionais, legislações vigentes e documentos institucionais, a fim de identificar como as ideias de transformação, inovação e modernização são concebidas, aplicadas e tensionadas nos diferentes contextos escolares. Ao mapear esses discursos, a pesquisa buscou não apenas concei-

tuar os termos, mas também observar suas implicações práticas, seus limites e os impactos nas práticas pedagógicas. Esse percurso metodológico visou possibilitar consistência teórica, coerência analítica e aprofundamento que são apresentados nos capítulos anteriores.

CONCLUSÃO

Diante dos desafios que se apresentam e envolvem a prática educativa, este estudo buscou apresentar distinções fundamentais entre transformação, inovação e modernização na educação, compreendendo que tais conceitos não são sinônimos, embora frequentemente sejam tratados como se fossem. A transformação, como processo mais profundo e estrutural, demanda mudanças de cultura, identidade e propósito, sendo diretamente relacionada à reconstrução dos sentidos da escola e à centralidade do sujeito. Já a inovação, embora fortemente associada à tecnologia, revela-se mais significativa quando conectada a metodologias, relações e sentidos que ressignificam a experiência escolar. Por sua vez, a modernização tende a operar sobre estruturas e aparatos técnicos, com foco em eficiência, atualização e melhoria de processos, mas nem sempre implicando uma revisão crítica de finalidades ou práticas.

Ao longo da investigação buscou-se evidenciar que não se trata de escolher entre uma ou outra abordagem, mas de reconhecer os limites e alcances de cada uma, especialmente em tempos de crise

da escola e de expectativas contraditórias sobre seu papel. Os educadores, gestores e formuladores de políticas educacionais precisam ser capazes de discernir as diferenças entre ações meramente modernizantes, práticas inovadoras e movimentos realmente transformadores, especialmente quando se deseja promover uma educação integral. A transformação, neste contexto, exige coragem epistemológica e ética para romper com lógicas cristalizadas e abrir-se à escuta sensível dos sujeitos escolares, suas trajetórias, fragilidades e potencialidades.

Conclui-se, portanto, que pensar a educação requer mais do que novas tecnologias ou metodologias: exige um projeto intencional de humanização e compromisso com a aprendizagem dos alunos. A transformação educacional será possível se for coletiva, situada e sustentada por uma visão crítica, relacional e aberta ao inédito viável. Este texto pretende, assim, contribuir para ampliar o debate sobre os sentidos da escola e subsidiar práticas e políticas que não apenas melhorem indicadores, mas fortaleçam vínculos, pertença e autonomia.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. E. B., & Valente, J. A. (2011). *Tecnologia no ensino: implicações para a aprendizagem*. São Paulo: Loyola.
- Basilio, I. (2020). *Inovação pedagógica e desenvolvimento de competências socioemocionais*. Revista Educação em Foco, 25(2), 123-137. <https://doi.org/10.14393/ref.v25n2.2020.4567>
- Candau, V. M. F. (2012). *Educação em direitos humanos: Caminhos e perspectivas*. Petrópolis: Vozes.
- Cury, C. R. J. (2022). *Educação, escola e democracia: Realidade e utopia*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Demo, P. (2015). *Educar pela pesquisa*. 23ª ed. Campinas, SP: Autores Associados.
- Diniz-Pereira, J. E. (2010). *Educação popular e escola pública: Entre a tradição e a inovação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Dourado, L. F. (2017). *Planos e políticas de educação no Brasil: Contextos, debates e tensões*. Salvador: Edufba.
- Esteban, M. T. (2002). *Pedagogia da escuta: Possibilidades e limites para uma prática pedagógica democrática*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Frigotto, G. (2011). *Educação e a crise do capitalismo real*. Petrópolis: Vozes.
- Imbernón, F. (2011). *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo: Cortez.
- Kenski, V. M. (2012). *Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação*. São Paulo: Papirus.
- Libâneo, J. C. (2012). *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez.
- Ilán, L. (2017). *Educação conectada: A tecnologia como aliada na transformação da escola*. São Paulo: Instituto Crescer.
- Marihama, D.K.A., de Oliveira, S. S. B., & Moran, J. (2023). *O papel da gestão escolar na construção e implementação de projetos educacionais inovadores*. Caderno Pedagógico, 21(6), e4831-e4831.
- Marihama, D. K. A. (2024). *Relato de experiência: criação de sequências didáticas para projetos tecnológicos no Ensino Fundamental*. Revista Samayonga, 3(2), 146-157.

Moran, J. M. (2015). *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. Campinas, São Paulo: Papirus.

Moran, J. M. (2015). *Metodologias ativas para uma educação inovadora*. In P. Bacich & L. T. Moran (Orgs.), *Metodologias ativas para uma educação inovadora* (pp. 13–24). Joinville: Penso.

Moran, J. M. (2015). *Metodologias ativas para uma educação inovadora*. In E. Barbosa & J. M. Moran (Orgs.), *Metodologias ativas para uma educação inovadora* (pp. 13–34). São Paulo: Papirus.

Moran, J. M. (2020). *Educação híbrida: Ensinar e aprender em tempos de pandemia*. *Revista e-Curriculum*, 18(3), 820–839.

Moran, J. M. (2021). *A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá*. São Paulo: Papirus.

Moran, J. M., Masetto, M. T., & Behrens, M. A. (2017). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 22ª ed. São Paulo: Papirus.

Nunes, C. A. (2022). *Educação e humanismo: Diálogos para a formação integral*. São Paulo: Paulus.

Souza, N. L. R., de Almeida Marihama, D. K., & Santos, M. A. (2022). *Educar em e para os direitos humanos, criando na escola básica a cidadanização e a socialização do futuro*. *Scientia Generalis*, 3(1), 343–359.

Valente, J. A. (2011). *Tecnologias na educação: O olhar crítico necessário*. *Revista Educação e Sociedade*, 32(116), 1137–1154.

Valente, J. A. (2014). *Cultura maker na educação: inovação e aprendizagem criativa*. *Revista Novas Tecnologias na Educação*, 12(3), 10–18.